

# AGÁLIA

REVISTA DE ESTUDOS NA CULTURA

número **110** 2º semestre 2014

DIREÇÃO

**Roberto Samartim**

Universidade da Corunha  
Galabra (Universidade de Santiago Compostela, USC)

**M. Felisa Rodríguez Prado**

Universidade de Santiago de Compostela, Galabra

SECRETARIA TÉCNICA (Adjunta à direção)

**Cristina Martínez Tejero**

Centro de Estudos Comparatistas, UL; Galabra

CONSELHO DE REDAÇÃO

**Antón Corbacho Quintela**

Universidade Federal de Goiás; Galabra (USC)

**Carlos Pazos Justo**

Universidade do Minho; Galabra (USC)

**Carlos Velasco Souto**

Universidade da Corunha

**Graziella Moraes Dias da Silva**

Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Luís García Soto**

Universidade de Santiago de Compostela

**M. Adriana Sousa Carvalho**

Universidade de Cabo Verde

**M. Carmen Villarino Pardo**

Universidade de Santiago de Compostela, Galabra

**M. Teresa López Fernández**

Universidade da Corunha

**Márcio Ricardo Coelho Muniz**

Universidade Federal da Bahia

**Maria das Dores Guerreiro**

I.U. de Lisboa (CIES-ISCTE)

**Mihai Iacob**

Universitatea din Bucuresti

**Pablo Gamallo Otero**

Universidade de Santiago de Compostela

**Raquel Bello Vázquez**

Universidade Ritter dos Reis; Galabra (USC)

**Rosa Verdugo Matés**

Universidade de Santiago de Compostela

**Vanda Anastácio**

Universidade de Lisboa

**Xerardo Pereiro Pérez**

Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro

CONSELHO CIENTÍFICO

**Álvaro Iriarte Sanromán** (Universidade do Minho; Galabra, USC)

**António Firmino da Costa** (I. U. de Lisboa, CIES-ISCTE)

**Arturo Casas Vales** (Universidade de Santiago de Compostela)

**Carlos Costa Assunção** (Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro)

**Carlos Quiroga** (Universidade de Santiago de Compostela)

**Carlos Taibo Arias** (Universidad Autónoma de Madrid)

**Celso Álvarez Cáccamo** (Universidade da Corunha)

**Francisco Salinas Portugal** (Universidade da Corunha)

**Elias J. Torres Feijó** (Universidade de Santiago de Compostela, Galabra)

**Gilda da Conceição Santos** (Universidade Federal do Rio de Janeiro; Real Gabinete Port. de Leitura)

**Inocência Mata** (Universidade de Lisboa)

**Isabel Morán Cabanas** (Universidade de Santiago de Compostela)

**José António Souto Cabo** (Universidade de Santiago de Compostela)

**José Luís Rodríguez** (Universidade de Santiago de Compostela)

**José-Martinho Montero Santalha** (Universidade de Vigo)

**Júlio Barreto Rocha** (Universidade Federal de Rondônia)

**Marcial Gondar Portasany** (Universidade de Santiago de Compostela)

**Onésimo Teotónio de Almeida** (Brown University)

**Raul Antelo** (Universidade Federal de Santa Catarina)

**Regina Zilberman** (Universidade Federal de Rio Grande do Sul)

**Teresa Cruz e Silva** (Universidade Eduardo Mondlane)

**Teresa Sousa de Almeida** (Universidade Nova de Lisboa)

**Tobias Brandenberger** (Universität Göttingen)

**Yara Frateschi Vieira** (Universidade Estadual de Campinas)

AGÁLIA. REVISTA DE ESTUDOS NA CULTURA

ISSN: 1130-3557

DEPÓSITO LEGAL: C-250-1985 (versão papel)

EDITA: Associação Galega da Língua (AGAL)

URL: <http://www.agalia.net>

ENDEREÇO-ELETRÓNICO: [revista@agalia.net](mailto:revista@agalia.net)

ENDEREÇO POSTAL: Rua Santa Clara nº 21

15704 Santiago de Compostela (Galiza)

PERIODICIDADE: Semestral (números em junho e dezembro)

ASSINATURA

([https://espaciosseguro.com/agalia/inscricao\\_agalia.html](https://espaciosseguro.com/agalia/inscricao_agalia.html))

Versão eletrónica (2 números/ano): 20€

Versão impressa (2 números/ano):

<i>Estado Espanhol</i>	20€ Sócios/as AGAL	30€ Não sócios/as
<i>Europa</i>	28€ Sócios/as AGAL	38€ Não sócios/as
<i>Resto do mundo</i>	31€ Sócios/as AGAL	41€ Não sócios/as

Contacto: [agalia@agal-gz.org](mailto:agalia@agal-gz.org)

Envio de originais: <http://www.agalia.net/envio.html>

Normas de Edição no fim do volume e em

<http://www.agalia.net/normas-de-edicao.html>

Indexada em:

CAPES (<http://www.capes.gov.br/>)  
dialnet (<http://dialnet.unirioja.es>)

Desenho da capa: Carlos Quiroga

Impressão: Sacauntos, cooperativa gráfica ([info@sacauntos.com](mailto:info@sacauntos.com))

Revisão de textos em inglês: Rosário Mascato Rey

## SUMÁRIO

<b>Nota da redação</b>	5
<b>Palimpsestos refratários ao tempo: transmissão e interdição dos clássicos latinos</b>	9
<i>Time Refractory Palimpsests: Transmission and Interdiction of Latin Classics</i>	
Fábio Frohwein de Salles Moniz	
<b><i>Bestiarium ou Livro das bestas: da tradição zoológica medieval ao bestiário fantástico de Jorge Luis Borges</i></b>	33
<i>Bestiarium or the Book of Beasts: from the Medieval Zoological Tradition to Jorge Luis Borges' Fantastic Bestiary</i>	
Márcia Seabra Neves	
<b>O <i>ethos</i> flutuante de Padre Antônio Vieira: uma abordagem histórico-discursiva</b>	53
<i>The Floating Ethos of Priest Antônio Vieira: A Historical-Discursive Approach</i>	
Gilmar Bueno Santos e Vagner da Silva Cunha	
<b>O Corpo é meu: Analisando narrativas jornalísticas e o desenquadre do gênero</b>	77
<i>The Body is Mine: Analyzing Printed Magazine Reports and Gender Performativity</i>	
Maria Carmen Aires Gomes	
<b>Poética e ritmo da música popular brasileira</b>	103
<i>Poetics and Rhythm of Brazilian Popular Music</i>	
Lucio Menezes Valentim	

<b>Brasileiro tem nome de santo? Estudo metalexiconográfico de verbetes do <i>Dicionário Onomástico</i> de José Pedro Machado</b>	129
<i>Brazilian with a saint's name? Meta-lexicographic Study of the Entries in the Onomastic Dictionary, by Jose Pedro Machado</i>	
Aurelina Ariadne Domingues Almeida	
<b>Os advérbios em <i>-mente</i> no português setecentista e oitocentista</b>	157
<i>Adverbs ending in -mente in 17th and 18th Centuries Portuguese</i>	
Susana Fontes	
<b>Ficha de avaliação 2014 (volumes 109-110)</b>	179

## NOTA DE REDAÇÃO

O volume 110 da *Agália* contém sete (7) trabalhos procedentes de Portugal (2) e do Brasil (5) que abordam assuntos referidos à cultura clássica, à literatura medieval, ao cânone literário luso-brasileiro do século XVII, aos média e a questão de género, à música popular brasileira, à lexicografia e à linguística.

Abre este número o trabalho do doutor Fábio Frohwein de Salles Moniz, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Brasil), com um contributo sobre o controlo social exercido através da censura bibliográfica e a mutilação de textos na transmissão da literatura latina. A partir das *Instruções para os professores de gramática latina, grega, hebraica e de retórica* ditadas pelo Marquês de Pombal em 1759, o artigo estuda a transmissão dos textos clássicos latinos no sistema escolar lusófono, utilizando como principal exemplo a presença da sátira IX de Juvenal nas edições escolares expurgadas dos séculos XVII e XVIII. O autor afirma o fim prático atribuído pela política educativa pombalina à censura aos clássicos, no sentido de que as obras escolares são modeladas para se adequarem à formação educacional, isto é, para não transmitirem aos alunos conteúdos contrários ao que na altura era considerado bom costume, conforme a mentalidade de uma sociedade moderna, burguesa e cristã.

O contributo da doutora Márcia Seabra Neves, da Universidade Nova de Lisboa (Portugal), estuda a projeção do universo simbólico e imaginário da tradição zoológica medieval na obra *El libro de los seres imaginarios* (1967) do escritor argentino Jorge Luis Borges. A análise realizada, tanto dos bestiários medievais como da “zoologia fantástica” de Borges, foca a especularidade da tradição medieval ligada ao mundo simbólico na literatura contemporânea, e conclui que o autor argentino retoma e reinventa, em modalidade subversiva, o universo imaginário dos bestiários da Idade Média. Valendo-se da sua estética enciclopédia e numa indagação humanista e existencialista, Borges tenta redefinir a posição do homem no universo e edificar, pela intermediação da metáfora animal, um saber alternativo sobre o mundo e a condição humana.

Os professores Gilmar Bueno Santos e Vagner da Silva Cunha, da Universidade Federal de Minas Gerais (Brasil), analisam os pressupostos doutrinários da ação discursiva de Vieira por meio da noção retórica de *éthos* (flutuante), aplicada pelo orador à invenção do sujeito de enunciação do sermão sacro. Nesse sentido, mobilizando aparelho teórico próprio da análise do discurso, da história e da filosofia, o texto contribui para a discussão quer dos modelos culturais do mundo luso-brasileiro do século XVII quer da doutrina aristotélica dos *éthe*, associada à discussão do *éthos* (caráter) da pessoa do jesuíta Vieira e dos *éthe* dos sujeitos de enunciação de sua oratória.

A doutora Maria Carmen Aires Gomes, da Universidade Federal de Viçosa (Brasil), aborda uma análise discursiva de narrativas jornalísticas sobre pessoas transgêneros através de uma reportagem impressa publicada em 2013 na mídia brasileira. Para além da reflexão sobre a importância do discurso e da força da mensagem como sistemas reprodutores da heteronormatividade, e de notar a ausência de reconhecimento jurídico da identidade destas pessoas no âmbito brasileiro, a autora propõe a integração dos estudos discursivos críticos com os estudos sobre identidades de gênero, corpo e sexualidade. No caso em estudo, a transgeneridade é representada e avaliada no meio jornalístico de maneira vaga, sem um aprofundamento sobre o problema sócio-discursivo analisado, visando e valorizando positivamente o corpo como um produto do marketing, identificado com a modernidade, a liberdade, a irreverência, a ousadia e o glamour.

Por seu lado, o doutor Lucio Menezes Valentim, da Universidade Estácio de Sá (Brasil), estuda no seu texto os repertórios formais na Música Popular Brasileira (MPB). Em concreto, sobre um corpus de seis peças clássicas da MPB, o autor analisa as relações do clássico com o popular dentro da cultura musical do Brasil contemporâneo, estabelecendo e desenvolvendo o vínculo entre o conceito de MPB historicamente considerado e as formas clássicas do verso (da redondilha ao metro alexandrino).

Os dous artigos que encerram este volume localizam-se em duas ramas diferentes da lingüística. A doutora Aurelina Ariadne Domingues Almeida, da Universidade Federal da Bahia (Brasil), contribui para o campo da onomástica e a hagiônimo, assim como da história da língua e a lingüística histórica, com a análise da estrutura de certos verbetes do *Dicionário*

*Onomástico* de José Pedro Machado presentes sobretudo na vertente brasileira da língua, mostrando as suas lacunas e eventuais incoerências. Já a doutora Susana Fontes, da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Portugal), analisa com o auxílio de ferramentas de linguística computacional a presença dos advérbios em *-mente* na *Gazeta de Lisboa* em dois períodos (anos 1715-1716 e ano 1815), para dessa forma contrastar o seu uso no século XVIII e no XIX, com atenção específica aos advérbios de frase. A perspetiva diacrónica neste estudo da formação de palavras, nomeadamente da sufixação adverbial, contribui também para o esclarecimento do comportamento dos advérbios de frase na língua atual.

O presente volume 110 da *Agália* encerra, como é costume nos números correspondentes ao segundo semestre de cada ano, com uma Ficha de avaliação, na qual é possível encontrar informação sintética sobre os parâmetros científicos e editoriais da revista no ano 2014.

Roberto SAMARTIM  
Felisa R. PRADO



## Os advérbios em *-mente* no Português Setecentista e Oitocentista

Susana Fontes

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro — UTAD (Portugal)

### Resumo

No dealbar do século XVIII, em 1715, surge o primeiro periódico oficial português, intitulado *Gazeta de Lisboa*, que assumiu uma importância considerável ao permitir ao leitor português o contacto com o mundo da época. O corpus que construímos é precisamente uma parte deste emblemático jornal (1715-1716 e 1815), o que nos permitiu constituir um corpus de trabalho, com cerca de 2000 páginas, representativo do estado da língua durante este período de tempo. Neste artigo, auxiliados por ferramentas de linguística computacional (programas de análise automática de texto), pretendemos analisar os advérbios terminados em *-mente* presentes no corpus e caracterizar, de um ponto de vista sintático-semântico, especificamente o grupo dos advérbios de frase, na tentativa de perceber como os redatores do texto se posicionam relativamente ao que escrevem.

**Palavras chave:** *Gazeta de Lisboa* — Advérbios em *-mente* — Advérbios de frase — Séculos XVIII e XIX.

### Adverbs ending in *-mente* in 17<sup>th</sup> and 18<sup>th</sup> Centuries Portuguese

#### Abstract

At the dawn of the 18<sup>th</sup> Century, in 1715, appears the first official Portuguese newspaper, entitled *Gazeta de Lisboa*, which assumed considerable importance to the Portuguese reader allowing him to contact with the world of that time. The *corpus* that we created is precisely a part of this newspaper, 1715-1716 and 1815, allowing us to have a study material with about 2000 pages, which is representative of the state of the language during this period of time.

In this paper, assisted by computational linguistic tools (automatic text analysis programs), we intend to analyze the adverbs ending in *-mente* that occur in the text and specifically characterize, from a syntactic-semantic point of view, the group of the sentence adverbs, in order to understand the editors' position towards what they write.

**Key words:** *Gazeta de Lisboa* — Adverbs ending in *-mente* — Sentence adverbs — 18<sup>th</sup> and 19<sup>th</sup> Centuries.

Receção: 28-10-2014 | Admissão: 27-04-2015 | Publicação: 01-09-2015

FONTES, Susana. “Os advérbios em *-mente* no Português Setecentista e Oitocentista”. *Agália. Revista de Estudos na Cultura*. 110 (2014): 157-178.

## 1. Introdução

A *Gazeta de Lisboa* surge, pela primeira vez, em 10 de agosto de 1715, com o título de *Notícias do Estado do Mundo*, sendo apenas nos números seguintes que recebe a denominação de *Gazeta de Lisboa*<sup>1</sup>. Esta publicação impressa foi, durante muito tempo, a única noticiosa autorizada, tendo marcado o panorama jornalístico português (Belo, 2001). Na esteira do que acontecia por toda a Europa — principalmente seguindo o modelo autoritário francês, padronizado pela *Gazette* de Renaudot — Portugal passa a dispor de um órgão de informação, que acompanhou o leitor português durante muito tempo.

Neste artigo, tendo como base a mesma tipologia textual, o texto jornalístico, constituímos um corpus de trabalho significativo, com cerca de um milhão de palavras, que nos permitiu analisar os advérbios terminados em *-mente* presentes no texto e caracterizar, de um ponto de vista sintático-semântico, especificamente o grupo dos advérbios de frase, tendo por base a proposta de Malaca Casteleiro (1982), de forma a conseguirmos perceber como os redatores do texto se posicionam relativamente ao que escrevem.

A *Gazeta de Lisboa* foi selecionada para a constituição do nosso corpus por ser um dos periódicos mais importantes e duradouros da história portuguesa. Neste sentido, optámos por analisar os anos de 1715-1716 e de 1815<sup>2</sup>, com o fim de contemplar a evolução destes advérbios nas centúrias setecentista e oitocentista.

Para levar a cabo este estudo, recorreremos a ferramentas de linguística computacional, para obter resultados mais fiáveis e rigorosos, o que não invalida um trabalho atento por parte do investigador, que continua a ser o principal condutor da sua investigação. Depois de analisarmos vários programas, escolhemos o *NooJ*, que nos permitiu encetar uma análise comparativa dos advérbios em *-mente* nestes dois séculos.

---

1. Para além deste título, adotou depois outras designações, sendo que algumas refletiam o cenário político em que se encontrava o país: *Lisboa*, *Diário do Governo*, *Diário da Regência*, *Crónica Constitucional de Lisboa*, *Gazeta Oficial do Governo*, *Gazeta do Governo*, *Diário de Lisboa* (cf. Tengarrinha, 1989: 265-266).

2. Amplamente trabalhados em Fontes (2013), marcam duas partes do corpus explorado neste artigo e que, a partir deste momento, passaremos a designar de *GL-Setecentista* (1715-1716) e *GL-Oitocentista* (1815).

## 2. Advérbios em *-mente*

Relativamente à classe dos advérbios, verificámos que os advérbios terminados em *-mente* apresentavam, no nosso corpus, um elevado número de formas diferentes (na *GL-Setecentista* 36,10% e na *GL-Oitocentista* 40,82%), o que motivou a análise que iremos levar a cabo acerca dos mesmos.

Quando analisámos os advérbios tendo por base uma classificação tradicional, percebemos que, muitas vezes, a definição desta classe esteve associada a uma diversidade e heterogeneidade de critérios que, em determinados casos, levou a imprecisões, como acontece com os advérbios que apresentam o maior número de formas diferentes no nosso corpus. Referimo-nos aos advérbios terminados em *-mente*, que são classificados, segundo a gramática tradicional, como pertencentes ao subgrupo dos advérbios de modo, o que facilmente se confirma ser postulado errado, uma vez que esta situação nem sempre se verifica. Deste modo, percebemos que este tipo de classificação não é absolutamente preciso, devido ao carácter polissémico de alguns advérbios, que adquirem significados diferentes dependendo do contexto sintático-semântico em que surgem.

Neste sentido, tendo em conta a insuficiência desta classificação e o facto de os advérbios terminados em *-mente* se apresentarem em número elevado no nosso corpus, para além de serem os que mais problemas levantam ao nível da classificação, julgamos pertinente analisar separadamente este grupo.

Antes disso, considerámos relevante sistematizar algumas das características dos advérbios, que são fundamentais para a análise que a seguir se propõe.

A nível morfológico, podemos começar por referir que os advérbios são palavras invariáveis que apresentam alguns processos morfológicos na sua formação.

Determinados advérbios são homónimos de adjetivos, por isso são normalmente conhecidos como advérbios adjetivais, que se caracterizam por apresentarem a mesma forma do adjetivo no masculino singular e se distinguem dos adjetivos por serem invariáveis. “Este processo de formação de advérbios por conversão de adjectival distingue-se da formação de advérbios em *-mente* [...] por não ser produtivo. Com efeito, não é possível criar novos advérbios através deste processo” (Costa, 2008: 27).

Desta forma, podemos referir que a possibilidade de formação de advérbios em *-mente* se constitui, na nossa língua, como um processo muito produtivo<sup>3</sup>: através da junção do constituinte *-mente* ao adjetivo<sup>4</sup> no feminino singular é possível formar advérbios que estão associados a diferentes domínios semânticos, ultrapassando a sua tradicional classificação como advérbios de modo, ou seja, tal como acontece com outros advérbios, estes caracterizam-se pela polissemia e só conseguimos distinguir os seus diferentes valores semânticos atendendo ao contexto. Por outro lado, e tal como acontece com os adjetivos que estão na sua base, estes advérbios podem também variar em grau<sup>5</sup>, seguindo as mesmas regras que se aplicam para os adjetivos.

Ao nível semântico, podemos referir que os advérbios se caracterizam por terem significados muito distintos, sendo que um mesmo advérbio pode variar o seu significado, o que nos obriga a analisar todos os contextos em que a mesma forma surge, para além de ser relevante, em alguns casos, considerar a posição ocupada pelo advérbio na frase.

A propósito do significado atribuído ao advérbio, Silva conclui (2008: 265): “O significado dos advérbios é muito variável. Podem ter uma função avaliativa e estar orientados para o falante, mas também podem estar orientados para o processo e ter uma função qualitativa”. Depois de levar a cabo um estudo sobre o estatuto sintático dos advérbios, a autora elege o critério sintático como o mais importante para definir esta classe e perceber o seu comportamento na frase. Destaca “a mobilidade, a comutação por zero, a multiplicação e a variação do âmbito de incidência. Para além desta capacidade de autonomamente preencher uma função sintática, o advérbio é uma unidade que exerce determinação sobre outras unidades da língua.” (Silva, 2008: 330).

---

3. “A produtividade deste processo de formação é interessante, uma vez que o facto de ser escolhida a forma adjectival feminina encontra explicação na etimologia destes advérbios. Os advérbios em *-mente* têm origem na construção latina, formada por *mente*, o ablativo do nome *mens*, *mentis*, que significava “mente” ou “ânimo”, e por um adjectivo pré-nominal. Por ser um nome feminino, o adjectivo concordava, encontrando-se também no feminino. No processo de reanálise desta expressão como uma palavra só, foram preservados os valores de género das duas palavras, embora o advérbio resultante não flexione em género” (Costa, 2008: 30).

4. Nem todas as bases adjectivais permitem a formação deste tipo de advérbios (cf. Costa, 2008: 32).

5. Excetuam-se os advérbios que não apresentam significados que possam ser alvos de variação em grau ou advérbios que tenham na sua base adjetivos que não variam em grau.

Depois destas breves considerações sobre o advérbio, retomamos o nosso objeto de estudo, o grupo dos advérbios terminados em *-mente*, em que destacamos os *atributos frásicos* (Silva 2008: 240), grupo que pretendemos analisar mais detalhadamente. Estes advérbios apresentam-se destacados em relação aos outros elementos da frase, não só pela sua posição, mas principalmente pela pausa que marca o seu afastamento em relação ao núcleo verbal, passando a incidir sobre a frase.

Silva (2008: 240) caracteriza este tipo de advérbios da seguinte forma:

o atributo frásico costuma transcender o conteúdo global da frase para remeter para o âmbito da enunciação, isto é, para o momento em que tal frase é produzida como enunciado, por um determinado locutor, num determinado contexto. Os valores de conteúdo desenvolvidos pelo atributo frásico costumam apresentar-se como enunciados de valor assertivo, demonstrando o ponto de vista do locutor.

Também Mário Vilela (1999) apresenta uma proposta de classificação dos advérbios, tendo por base dados semânticos, a sua função e as características sintáticas. Distingue os advérbios do núcleo actancial, designados de advérbios intrafrásicos — dependem do verbo e dos argumentos do verbo —, os que dependem da frase no seu todo, denominados de extrafrásicos, e os que estão ancorados no próprio texto, designados de advérbios de enunciação (cf. Vilela, 1999: 243).

O tratamento dos advérbios percorre todas as línguas e foi também objeto de estudo por parte de linguistas ingleses, dos quais destacamos S. Greenbaum e R. Quirk, que dividem o advérbio em quatro grupos, a saber: os adjuntos, disjuntos, subjuntos e conjuntos. O grupo que nos interessa estudar é classificado como disjuntos, que têm “a superior role to sentence elements, being somewhat detached from a superordinate to the rest of the sentence” (Greenbaum e Quirk, 1991: 181). Por um lado, trata-se de advérbios que são modificadores de frases, que têm a frase como escopo. Por outro lado, estes caracterizam-se por expressar uma avaliação do falante em relação à forma da comunicação e ao seu conteúdo.

No trabalho intitulado *Aspectos da Sintaxe do Advérbio em Português*, Gonzaga (1997: 148-149) agrupa os advérbios em três tipos: os que restrin-

gem diferentes constituintes, os que são gerados numa posição periférica à frase, que resultam de uma apreciação do sujeito enunciador<sup>6</sup> e, por último, aqueles que são gerados, possivelmente, em posições próximas do VP.

Em termos de classes semânticas, agrupa-os em cinco grandes classes de advérbios:

- a primeira caracteriza-se por restringir o constituinte que o segue (*unicamente, só, apenas, meramente, simplesmente*);
- a segunda inclui advérbios marcados por uma interpretação geralmente orientada para o sujeito gramatical mas pode apresentar uma interpretação alternativa, orientada para o sujeito da enunciação (*cuidadosamente, habilmente, corajosamente, dedicadamente, propositadamente, descuidadamente, desajeitadamente, inteligentemente, indolentemente, alegremente, relutantemente, tristemente, silenciosamente*);
- a terceira classe diz respeito a advérbios que mais diretamente modificam o complemento verbal (*mortalmente, completamente, parcialmente, aproximadamente, sensivelmente, totalmente, especificamente*);
- o quarto grupo engloba advérbios que traduzem informações relacionadas com o tempo (*rapidamente, frequentemente, lentamente, raramente*);
- o quinto grupo reúne os advérbios que transmitem a opinião do sujeito de enunciação, ou seja, é um grupo marcado pela interpretação orientada para o sujeito enunciador (*infelizmente, francamente, possivelmente, certamente, efetivamente, evidentemente, provavelmente, felizmente*).

Segundo a autora, tendo em conta a posição que estes advérbios podem ocupar na frase, podemos considerar três grupos principais. Aqueles que se encontram:

- a) junto dos constituintes que modificam,
- b) próximo do VP,
- c) numa posição periférica à estrutura da frase, “numa posição funcional onde tipicamente ocorrem operadores e que se relaciona com o discurso” (Gonzaga, 1997: 149).

---

6. Este sublinhado é da nossa autoria.

João Costa (2008: 43-75) considera que, tendo em conta um critério semântico, podemos agrupar os advérbios em cinco classes diferentes, a saber: advérbios modificadores de predicado, de frase, advérbios de quantidade e grau, focalizadores e advérbios de polaridade.

Os primeiros incluem as seguintes subclasses: advérbios de localização, que nos fornecem dados sobre determinado evento descrito pelo predicado ao nível temporal e espacial; advérbios de modo, que nos dão informações sobre a forma como se desenvolve o estado de coisas descrito pelo predicado; e modificadores de predicado déíticos, relativos e interrogativos.

Por sua vez, os advérbios de quantidade e grau expressam uma noção de intensidade ou quantificação relativamente ao predicado.

Os advérbios focalizadores não modificam necessariamente o predicado ou a frase, mas têm como principal função chamar a atenção do interlocutor para um determinado aspeto, devendo distinguir-se focalizadores com caráter exaustivo, inclusivo, exclusivo e de realce.

Os advérbios de polaridade caracterizam como afirmativo ou negativo o valor de verdade de uma frase.

Por último, resta-nos falar dos advérbios de frase, que têm como domínio de aplicação toda a frase e se dividem em duas subclasses: a dos advérbios avaliativos, que expressam uma avaliação sobre o conteúdo da frase, e a dos advérbios conetivos, que são utilizados para estabelecer nexos entre frases ou constituintes.

Relativamente aos primeiros, grupo que nos interessa particularmente para o estudo que pretendemos levar a cabo com a *Gazeta*, Costa (2008) distingue advérbios avaliativos orientados para o falante, para o ouvinte, para o agente e para a enunciação.

Os primeiros apresentam uma informação sobre a atitude do falante relativamente ao que é referido (ex: *Honestamente, o Rui é inocente*). Parte destes advérbios pode também integrar o segundo grupo, o dos advérbios orientados para o ouvinte, ocorrendo apenas em contextos interrogativos e imperativos, com verbos epistémicos, volitivos ou declarativos (ex: *Honestamente, queres ficar aqui ou não?*).

Os advérbios avaliativos orientados para o agente expressam uma avaliação do falante relativamente à atuação do agente, que normalmente é o su-

jeito. Contudo, estes advérbios podem também surgir em frases passivas com ou sem agente da passiva expresso e em frases com um agente implícito (ex: *O Pedro, estupidamente, fechou a porta / Estupidamente, aquele centro de saúde foi encerrado*).

Por último, os advérbios avaliativos orientados para a enunciação denotam uma avaliação sobre aspetos de todo o enunciado, como é o caso do seu valor de verdade, do domínio relevante para a verificação do valor de verdade da frase e do código utilizado na enunciação.

Esta subclasse pode ainda dividir-se em três grupos:

1º advérbios orientados para a enunciação relacionados com a modalidade: expressam uma avaliação do falante sobre o valor de verdade da asserção, sendo que alguns se caracterizam por ser reforçadores do valor de verdade, outros como restritores do valor de verdade e outros como indicadores da atitude do falante relativamente ao valor de verdade da asserção (ex: *Inquestionavelmente, esse gelo vai derreter*);

2º advérbios avaliativos orientados para a enunciação relacionados com o domínio: especificam o domínio a que se aplica a asserção (ex: *Cientificamente, é errado utilizar argumentos de autoridade*);

3º advérbios avaliativos orientados para a enunciação relacionados com o código: fornecem informação sobre o código ou linguagem utilizados na enunciação

(ex: *Resumidamente, vou contar-te o que aconteceu*).

Mateus *et al.* (2003: 431) designam este grupo de advérbios como frásicos, uma vez que modificam toda a proposição e não se constituem como argumentos verbais ou adjuntos a SV. Para os identificarmos, as autoras apresentam as principais propriedades sintáticas deste grupo (cf. Mateus *et al.*, 2003: 430-431):

1. Possibilidade de ocorrerem em interrogativas de instanciação com o verbo *fazer* ou similares;
2. Impossibilidade de serem focalizados em frases clivadas;
3. Impossibilidade de surgirem sob o escopo da negação;
4. Impossibilidade de serem contrastados com outras expressões adverbiais em interrogativas alternativas;

5. Nunca podem estar no escopo de modificadores como *só*, *apenas*;
6. Não podem fazer parte do escopo de *também*.

Para além destas propriedades sintáticas, estes advérbios podem ser agrupados tendo em conta as suas características ao nível semântico (cf. Mateus *et al.*, 2003: 431):

1. avaliativos (*felizmente*, *desgraçadamente*)
2. modais (*possivelmente*, *talvez*, *com certeza*)
3. reforçadores da verdade da asserção (*evidentemente*, *obviamente*, *certamente*)
4. restritivos do valor da asserção (*supostamente*, *presumivelmente*)

### 3. Advérbios em *-mente* na *GL-Setecentista* e na *GL-Oitocentista*: análise dos advérbios de frase

Neste artigo, pretendemos analisar todos os advérbios terminados em *-mente*<sup>7</sup> encontrados no nosso corpus, enquadrá-los em diferentes categorias semânticas e caracterizar especificamente o grupo dos advérbios de frase na tentativa de perceber como os redatores do texto se posicionam relativamente ao que escrevem. Para levar a cabo esta tarefa, decidimos utilizar a proposta de Malaca Casteleiro presente no texto “Análise gramatical dos advérbios de frase”, na qual o autor apresenta determinadas particularidades que nos permitem definir este grupo, nomeadamente a possibilidade de transmitir a opinião do sujeito falante e o facto de se comportarem como modificadores ou predicados de frase.

7. A propósito de estudos sobre os advérbios em *-mente*, veja-se Henríquez Salido e No Alonso-Misol (2010: 251-277; 317-350), que tem como base de análise o texto jurídico. Na *Constitución Española* de 1978, por exemplo, a autora considera que estes advérbios podem desempenhar a função sintática de *circunstanciais*, *modificadores de um adjetivo ou de um sintagma adjetival* ou de *modificadores oracionais* (Henríquez Salido e No Alonso-Misol, 2010: 260-262). De acordo com o seu comportamento sintático-semântico, agrupa-os tendo em conta as seguintes subclasses semânticas: “advérbios nocionales”, “advérbios de modo o de manera resultativos”, “advérbios focalizadores”, “advérbios de marco temporal”, “advérbios de frecuencia”, “advérbios cuantificativos”, “advérbios restrictivos del valor de verdad de la aserción” (cf. Henríquez Salido e No Alonso-Misol, 2010: 275-276).

Segundo Casteleiro (1982: 99), “A formas como *felizmente, provavelmente, etc.*, chamamos *advérbios de frase*, pois se comportam como modificadores ou predicados de frase, veiculando a maneira de sentir ou de ver do sujeito falante relativamente à proposição contida na oração adjacente”. Tendo por base propriedades sintático-semânticas, o autor divide os advérbios de frase em quatro subclasses (cf. Casteleiro, 1982: 101-107):

1. *emotivos* são usados para exteriorizar o estado de espírito do falante em relação ao que é expresso na proposição. Exemplos desses advérbios podem ser *afortunadamente, estranhamente, (in)felizmente, lamentavelmente, surpreendentemente*.

Estes advérbios caracterizam-se, principalmente, por não ocorrerem em frases interrogativas nem imperativas<sup>8</sup>; no entanto, surgem frequentemente em frases exclamativas, quando estas se referem a factos reais.

2. *modais* permitem pressupor, como mais provável, a verdade da proposição contida na oração adjacente. Exemplos desta classe são *aparentemente, certamente, evidentemente, naturalmente, presumivelmente, possivelmente, provavelmente, verosimilmente, com certeza, sem dúvida, talvez, etc.*

No que diz respeito às suas propriedades sintático-semânticas, estes advérbios caracterizam-se por não apresentarem uma forma negativa correspondente (*\*improvavelmente, \*impossivelmente*, ainda que o seu adjetivo-base admita a negativa)<sup>9</sup>, pela impossibilidade de surgirem em frases interrogativas<sup>10</sup>, e pela possibilidade de ocorrerem em estruturas hipotéticas do tipo *se-F, então-F*, contrariamente ao que acontecia com os advérbios emotivos<sup>11</sup>.

8. “Esta impossibilidade tem uma explicação: uma frase interrogativa é assumida pelo falante como dubitativa; como o advérbio emotivo permite pressupor a oração adjacente como assertiva, há então contradição lógica” (Casteleiro, 1982: 102).

9. Só pode surgir na negativa se o advérbio só existir na forma negativa, como é o caso de *indubitavelmente*.

10. “Esta impossibilidade é consequência de não se poder interrogar (acto verbal que implica dúvida) e simultaneamente pressupor, através do advérbio, a verdade provável contida na frase interrogativa” (Casteleiro, 1982: 105).

11. “Quer dizer, a oração principal de uma construção hipotética admite um advérbio modal, porque ela própria contém uma proposição contingente. Pelo contrário, é exactamente por ser

3. *pragmáticos* permitem ao falante caracterizar aquilo que está a dizer ao nível do conteúdo ou da forma. Exemplos dos primeiros podem ser *francamente, honradamente, honestamente, lealmente, sinceramente e verdadeiramente*, e dos segundos *abreviadamente, brevemente, concisamente, concretamente, grosseiramente, laconicamente, lapidariamente, resumidamente, toscamente*, etc.

Relativamente às propriedades sintático-semânticas, este terceiro grupo é caracterizado, principalmente, por aceitar, anteposta ou posposta, a forma do gerúndio *falando* (*falando francamente, concretamente falando*) e por aceitar a paráfrase *de um ponto de vista + adjetivo: de um ponto de vista franco, etc.* Não aceita, também, as construções negativas correspondentes.

4. *sectoriais* delimitam o valor da oração que introduzem tendo por base uma determinada área do saber. Como exemplos destes podemos ter: *filosoficamente, esteticamente, psicologicamente, geograficamente, literariamente, matematicamente, moralmente, politicamente*, etc.

No que às suas propriedades diz respeito, partilham com os pragmáticos a possibilidade de surgirem com a forma gerundiva *falando*. Para além disso, podem ocorrer com frases interrogativas e não admitem a forma negativa.

No final deste estudo, Casteleiro (1982: 108) conclui o seguinte: “Os advérbios de frase podem definir-se não apenas semanticamente, mas sobretudo através de um conjunto de propriedades sintáticas gerais”. Apesar de utilizar, como vimos, determinadas propriedades que intitula de *sintático-semânticas* para definir as subclasses que apresenta, consideramos que esta análise tem como base principalmente as suas características semânticas, o que irá resultar numa classificação predominantemente semântica.

No nosso corpus, começámos por recuperar o levantamento exaustivo de todos os advérbios em *-mente*, ou seja, 4621 advérbios. No século XVIII estes correspondem a 8,11% do total de ocorrências desta classe e a 36,10%

---

contingente que tal oração não permite um advérbio emotivo, que tem valor semântico de predicado assertivo” (Casteleiro, 1982: 106).

das formas diferentes dos advérbios presentes no texto; no século XIX esta percentagem torna-se ainda mais significativa, aumentando para 10,74% do total de ocorrências e para 40,82% das formas diferentes de advérbios.

O nosso objetivo inicial consistia em analisar e classificar apenas os advérbios de frase, no entanto o número elevado de formas qualitativas, que expressam o modo, levou-nos a analisar também este grupo. Desta forma, dividimos os advérbios terminados em *-mente* em três grupos:

1. Advérbios de modo
2. Advérbios de frase
3. Outros

### ***1. Advérbios de modo***

GL-SETECENTISTA

“[...] de polvora, em que pegou acidentalmente o fogo [...]” (GL, nº 8, 28 de setembro de 1715: 41);

“[...] Salvador, a cujo fim peço encarecidamente as orações de todos os fiéis Christãos.” (GL, nº 15, 11 de abril de 1716: 67);

GL-OITOCENTISTA

“[...] a recrutar, e castigão-se asperamente os desertores.” [...]” (GL, nº 277, 23 de novembro de 1815: [II]);

“Reparão-se cuidadosamente todas as fortificações da costa [...]” (GL, nº 292, 11 de dezembro de 1815: [II]).

### ***2. Advérbios de frase***

GL-SETECENTISTA

“[...] meter no trono da Grã Bretanha ao Pretendente, que certamente tinha desembarcado em Escocia [...]”

GL-OITOCENTISTA

“Felizmente no caso presente aparece o ridículo a par da malignidade [...]” (GL, nº 179, 1 de agosto de 1815: [V])

### ***3. Outros***

Dos restantes advérbios destacam-se claramente aqueles que expressam uma ideia de intensidade/quantificação (1) e de tempo (2).

## GL-SETECENTISTA

1)

“[...] o Pretendente se achára bastantemente indisposto depois da sua chegada [...]” (*GL*, nº 9, 29 de fevereiro de 1716: 39);

“[...] que toda a Corte ficou summamente alegre [...]” (*GL*, nº 6, 8 de fevereiro de 1716: 28);

2)

“[...] ascendentes deste mesmo appellido occuparão antigamente este emprego.[...]” (*GL*, nº 11, 14 de março de 1716: 50);

“[...] para que futuramente os povos não sejaõ oprimidos [...]” (*GL*, nº 10, 12 de outubro de 1715: 51).

## GL-OITOCENTISTA

1)

“[...] o seu número era demasiadamente pequeno para produzir effeito algum [...]” (*GL*, nº 22, 26 de janeiro de 1815: [III]);

“[...] isto favoreceo grandemente o alcance [...]” (*GL*, nº 172, 24 de julho de 1815: [III]);

2)

“Anteriormente só hião dois ou tres dos seus navios á China [...]” (*GL*, nº 19, 23 de janeiro de 1815: [II]);

“[...] existindo já as razões que antigamente excluão da Assembléa dos Estados os camponezes e os vassallos [...]” (*GL*, nº 38, 14 de fevereiro de 1815: [I]).

Em termos percentuais, verificamos que no grupo de advérbios terminados em *-mente* sobressaem aqueles que expressam qualidade/modo, com 56,35% para o século XVIII e 57,06% para o século XIX. Relativamente aos advérbios de frase, registamos o facto de estes não representarem uma percentagem tão significativa dentro deste grupo, correspondendo a 4,47% dos advérbios terminados em *-mente* no século XVIII e a 9,56% no século XIX. No entanto, consideramos importante analisá-los separadamente para tentar perceber de que forma os redatores da gazeta, em diferentes momentos históricos, se posicionam perante aquilo que escrevem. Neste sentido, utilizámos a proposta

de Malaca Casteleiro, que apresenta, como já referimos, uma classificação predominantemente semântica deste tipo de advérbios.

Antes de procedermos à classificação dos mesmos, importa deixar claro que nem sempre foi fácil definir se determinado advérbio se encaixa ou não nos advérbios de frase. Nestes casos, utilizámos as propriedades sintáticas desta classe apresentadas por Malaca Casteleiro, juntamente com as suas características semânticas, fazendo testes em cada um dos contextos em que surgem. Atualmente, a pontuação é também um elemento que nos ajuda a identificar estes advérbios, uma vez que eles surgem normalmente separados do resto da frase através da vírgula; no entanto, a pontuação dos séculos XVIII e XIX era muito diferente da usada hoje em dia e, por isso, não se constituía como elemento delimitador desta subclasse.

Desta forma, tendo em conta a análise de cada ocorrência de advérbios de frase, verificámos que eles se distribuíram da seguinte forma:

Tipos de advérbios	<i>GL-Setecentista</i>	<i>GL-Oitocentista</i>
<i>Emotivos</i>	30,23%	20,58%
<i>Modais</i>	67,44%	70,29%
<i>Pragmáticos</i>	2,32%	9,11%
<i>Sectoriais</i>	0%	0%

Tabela 1. Distribuição dos advérbios de frase no corpus tendo por base a classificação de Malaca Casteleiro (1982)

Vejamos alguns exemplos dos mesmos:

### ***1. Emotivos***

GL-SETECENTISTA

#### **felizmente**

“Pela melhora deste Principe, que salvou felizmente da sua enfermidade de bexigas [...]” (*GL*, nº 42, 17 de outubro de 1716: 227);

“[...] como já tem experimentado felizmente muytas desta Cidade, que padeciaõ os taes achaques havia doze annos [...]” (*GL*, nº 42, 17 de outubro de 1716: 228).

### **infelizmente**

“[...] Dom Antonio, & Dom Manoel, deu infelizmente huma grande queda ao sahir da sua carruagem [...]” (*GL*, nº 3, 24 de agosto de 1715: 16);

“[...] porque se perdeu infelizmente na costa de Noruega, com a tempestade que houve os dias passados [...]” (*GL*, nº 49, 5 de dezembro de 1716: 273).

### GL-OITOCENTISTA

#### **felizmente**

“[...] felizmente ministrarão os remedios a tempo [...]” (*GL*, nº 21, 25 de janeiro de 1815: [II]);

“Felizmente, a bem da Justiça e das Artes, chegarão os Soberanos aliados a tempo a París [...]” (*GL*, nº 179, 1 de agosto de 1815: [VII]).

#### **infelizmente**

“Hontem vos dissemos alguma cousa relativa ás suspeitas que tinhamos sobre o regresso de Mortier a París, que commandava em Lilla: infelizmente são sobejamente certas [...]” (*GL*, nº 94, 22 de abril de 1815: [III]);

“Estava preparado tudo para a mais vigorosa resistencia; mas infelizmente carecia-se de munições sufficientes.” (*GL*, nº 102, 2 de maio de 1815: [II]).

## **2. Modais**

### GL-SETECENTISTA

#### **apparentemente**

“[...] como se voluntariamente quizessem perder todas as suas Praças, & que apparentemente as perderião no anno futuro [...]” (*GL*, nº 2, 11 de janeiro de 1716: 5);

“[...] & apparentemente lhe sobreveyo negocio que o deteve.” (*GL*, nº 22, 30 de maio de 1716: 104).

**certamente**

“[...] ao Pretendente, que certamente tinha desembarcado em Escocia [...]” (*GL*, nº 8, 22 de fevereiro de 1716: 35);

“[...] iraõ a Leorne, ou a Veneza, porque certamente indo a Hespanha, ou França os prenderão se alli chegarem [...]” (*GL*, nº 53, 31 de dezembro de 1716: 305).

**effectivamente**

“[...] estaõ em semelhantes termos; & effectivamente estaõ prezos pelo mesmo caso [...]” (*GL*, nº 1, 10 de agosto de 1715: 6);

“[...] o Duque se queyxou a S. Mag. Imp. que effectivamente mandou representar ao Czar a vexação daquelles povos [...]” (*GL*, nº 28, 11 de julho de 1716: 140).

GL-OITOCENTISTA

**certamente**

“[...] Hespanha ha de certamente conhecer intimamente isto [...]” (*GL*, nº 24, 28 de janeiro de 1815: [IV]);

“Os Francezes hão de certamente pedir a ElRei a honra de unir ao nome de Luiz XVIII. o nome da França [...]” (*GL*, nº 35, 10 de fevereiro de 1815: [III]).

**effectivamente**

“[...] formar todo o concerto que effectivamente possa ser util á segurança [...]” (*GL*, nº 91, 19 de abril de 1815: [III])

**evidentemente**

“[...] obra da perversidade, que tende evidentemente a fazer perder á França as vantagens da civilização [...]” (*GL*, nº 124, 29 de maio de 1815: [V]);

“O fim destes periodicos he evidentemente fazer acreditar que a Nação Hespanhola está dividida entre si [...]” (*GL*, nº 127, 1 de junho de 1815: [III]).

**naturalmente**<sup>12</sup>

“Nas revoluções das propriedades hão de naturalmente cair a terra os zanganos do Estado.” (GL, nº 89, 17 de abril de 1815: [III]);

“Aqui se nos offerece naturalmente a seguinte reflexão [...]” (GL, nº 96, 25 de abril de 1815: [III])

**necessariamente**

“[...] hão de necessariamente levar muito tempo [...]” (GL, nº 39, 15 de fevereiro de 1815: [II]);

“[...] hum homem que a põe necessariamente em guerra com todas as Potencias!” (GL, nº 97, 26 de abril de 1815: [III]).

**provavelmente**

“[...] elogio ao Principe Real, procurou provavelmente com isto dissipar os temores [...]” (GL, nº 54, 4 de março de 1815: [III]);

“[...] este he provavelmente o fundamento das falsas noticias [...]” (GL, nº 56, 7 de março de 1815: [III]).

**realmente**

“O commercio ha de realmente extinguir a pouco e pouco [...]” (GL, nº 24, 28 de janeiro de 1815: [IV]);

“[...] devem por tanto conhecer que por mais miudas que sejam em apparencia as informações que se lhes pedem, tem realmente hum fim util, grande, e positivo [...]” (GL, nº 45, 22 de fevereiro de 1815: [III]).

**seguramente**

“[...] toda a França como acordando de hum terrivel pezadêlo, ha de seguramente recuperar aquella energia que sempre a caracterizou [...]” (GL, nº 92, 20 de abril de 1815: [II]).

12. Na gazeta do século XVIII, este advérbio nunca tem como escopo a frase, mas surge associado ao adjetivo que modifica, como se pode confirmar pelos contextos que se seguem: “[...] nem Praça naturalmente defensavel em que se recolhesse [...]” (GL, nº 12, 21 de março de 1716: 55); “Nesta materia naturalmente formosissima, & digna [...]” (GL, nº 47, 21 de novembro de 1716: 264).

### 3. *Pragmáticos*

GL-SETECENTISTA

#### **Sinceramente**<sup>13</sup>

“Admiramos a atrevida presunção do Pretendente, & dos seus sequazes; & seguramos a Vossa Mag. muy sinceramente, & de todo o coração, que a nossa indignação se tem feyto contra elles mayor por esta causa [...]” (*GL*, nº 11, 14 de março de 1716: 51).

GL-OITOCENTISTA

#### **verdadeiramente**

“O que verdadeiramente faz honra ao Congresso he que, no meio destes negocios tão urgentes como estranhos ao seu fim, a marcha das suas operações propriamente ditas não ficou suspensa [...]” (*GL*, nº 184, 7 de agosto de 1815: [II])

“[...] são identicos ambos os Discursos, que verdadeiramente he hum só com a sobredita mudança.” (*GL*, nº 300, 20 de dezembro de 1815: [IV])

### 4. *Sectoriais*

Relativamente aos advérbios sectoriais, como já se percebeu pelos valores apresentados na tabela, não houve nenhum registo de ocorrência dos mesmos. Aqueles que costumam ser apontados como exemplos de advérbios de frase sectoriais são, no corpus, usados como advérbios de modo, como se pode confirmar pelos contextos em que surgem:

— “[...] ainda que pareça a alguns politicamente produzida por Potencias interessadas na declaração do Emperador [...]” (*GL*, nº 11, 14 de março de 1716: 50).

---

13. Este foi um dos casos que inicialmente nos suscitou dúvidas quanto à sua classificação. Optámos por classificá-lo, neste contexto específico, como advérbio de frase pragmático, no entanto, na frase que se segue, julgamos tratar-se de um exemplo de advérbio de modo: “Protestando que ficão submetidos total, & sinceramente às descisoens da Igreja [...]” (*GL*, nº 47, 21 de novembro de 1716: 262). No século XIX, este advérbio surge sempre com este sentido, podendo ser parafraseável por “de modo sincero” e estando sempre ligado ao verbo, como fica claro pelo exemplo: “Todo aquelle que ama sinceramente a Patria [...]” (*GL*, nº 75, 31 de março de 1815: [III]).

— “[...] para as nações então debaixo do mesmo jugo, fysica ou moralmente, se tem presenciado no decurso destes sete annos!” (*GL*, nº 219, 16 de setembro de 1815: [III]).

Se tivermos em conta a distribuição deste tipo de advérbios pela classificação proposta por Malaca Casteleiro, verificamos que nos textos dos dois séculos se destacam, com números aproximados, os modais, usados para expressar uma certeza e convicção relativamente ao valor de verdade do que é expresso; para demonstrar uma grande probabilidade de algo ser verdadeiro, sem ser uma afirmação incontestável; ou para expressar dúvida e até insegurança relativamente ao seu enunciado. Se, no primeiro caso, a segurança e convicção que apresenta o redator e que transmite no seu texto podem ser usadas para conquistar e cativar a cumplicidade do seu leitor; no último caso, um discurso marcado pela hesitação e dúvida é usado quando o redator pretende resguardar a sua posição e precisa de ser cauteloso na forma como emite um juízo sobre determinado assunto que pode ser sensível ou polémico.

A esta subclasse seguem-se os advérbios emotivos, que são usados para exteriorizar o estado de espírito dos autores relativamente ao que é descrito. Estes valores não seriam os mais expectáveis para um texto jornalístico, que assenta nos princípios da objetividade e imparcialidade, no entanto essas preocupações inerentes ao estilo jornalístico atual não estavam presentes no nosso texto, tal como hoje as entendemos. A utilização do advérbio *felizmente*, por exemplo, permite-nos conhecer a opinião do redator acerca do que é expresso, o que seria totalmente condenável hoje em dia, porque contraria a base do jornalismo. Na verdade, a utilização dos advérbios emotivos poderá ser uma forma de transformar os seus leitores em aliados, com quem partilha o seu ponto de vista. De seguida, temos os advérbios pragmáticos, com uma baixa incidência no texto setecentista, e que aumentam significativamente no século seguinte, o que aponta para uma interferência maior do redator do século XIX no seu texto, que assim deixa a sua marca nos jornais, uma vez que estes advérbios lhe permitem caracterizar aquilo que está a dizer ao nível do conteúdo ou da forma.

Por último, cabe apenas registar que não houve nenhuma ocorrência de advérbios sectoriais, como já referimos.

## 5. Considerações finais

No momento em que encetamos um estudo acerca do advérbio e quando analisamos algumas definições propostas pelos diferentes autores, fica clara a dificuldade de um estudo sobre esta classe tão heterogénea, como atesta Gonzaga (1997: 84):

Um estudo sério dos advérbios é uma tarefa quase utópica não só pela diversidade de advérbios de que as línguas dispõem, mas também pela enorme variedade de interpretações que um só advérbio pode despoletar dependendo da posição, do tipo de verbo, da natureza dos argumentos seleccionados e até do tempo morfológico da forma verbal. Se nos concentrarmos numa língua com uma tremenda riqueza morfológica como o português a dificuldade parece aumentar.

Neste artigo, depois de refletirmos sobre as várias definições e tendo consciência do número elevado de advérbios terminados em *-mente* no nosso corpus e do nível de dificuldade que está associado à sua classificação, foi nosso objetivo estudar separadamente os advérbios terminados em *-mente* e em especial os advérbios de frase, uma vez que estes nos permitem identificar a forma como os redatores entenderam ou sentiram o texto, pois “são fruto da intervenção do enunciador, que comenta, julga, critica, aprecia, o conteúdo proposicional por si produzido” (Vilela, 1999: 245).

Neste sentido, podemos considerar que são mais evidentes as marcas do redator no texto do século XIX, tendo em conta que os valores relativos aos advérbios de frase evidenciam um aumento considerável comparativamente com o texto do século XVIII, de 4,47% para 9,56%.

Este aumento é significativo se tivermos em conta, como já vimos, a funcionalidade deste tipo de advérbios: é através destas palavras que os redatores deixam as suas marcas no texto, quer seja para exteriorizar o seu estado de espírito, seja para transmitir a pressuposição dos redatores relativamente à veracidade daquilo que exprimem, seja para caracterizar algo que digam do ponto de vista da forma ou do conteúdo e mesmo também para restringir o que escrevem a um determinado domínio do conhecimento. Deste modo,

conseguimos identificar a presença dos respetivos autores nos textos e perceber a forma como os entenderam ou sentiram.

Esta subclasse duplicou no século XIX, o que nos revela uma presença mais ativa do redator, que assim deixa transparecer as suas impressões pessoais, a sua avaliação/apreciação sobre o que é expresso.

Tendo por base a classificação de Malaca Casteleiro (1982), concluímos que os advérbios que sobressaíram nos dois séculos foram os modais, seguindo-se, surpreendentemente para este tipo de texto, os emotivos e, por último, temos os advérbios pragmáticos, com uma percentagem muito superior no texto oitocentista comparativamente aos valores que apresentam na *Gazeta setecentista*, não se registando nenhuma ocorrência dos advérbios sectoriais.

## **Bibliografia**

- BELO, André. *As gazetas e os livros. A Gazeta de Lisboa e a vulgarização do impresso em Portugal (1715-1760)*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2001.
- CASTELEIRO, João Malaca. “Análise gramatical dos advérbios de frase”. *Biblos*. Vol. LVIII. Coimbra, 1982: 99-110.
- COSTA, João. *O advérbio em Português Europeu*. Lisboa: Edições Colibri, 2008.
- FONTES, Susana. *Gazeta de Lisboa (1715-1716 e 1815): estudo informático-linguístico*. Vila Real: Centro de Estudos em Letras / Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2013.
- GAZETA DE LISBOA. Lisboa: Na Oficina de Pascoal da Silva, 1715.
- GAZETA DE LISBOA. Lisboa: Na Oficina de Pascoal da Silva, 1716.
- GAZETA DE LISBOA. Lisboa: Na Impressão Regia, 1815.
- GONZAGA, Manuela. *Aspectos da sintaxe do advérbio em português*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1997.
- GREENBAUM, Sidney e QUIRK, Randolph. *A Student's Grammar of the English Language*. Essex: Longman, 1991.
- HENRÍQUEZ SALIDO, María do Carmo e NO ALONSO-MISOL, Enrique de. *Historia del léxico jurídico*. Cizur Menor (Navarra): Thomson Reuters, 2010.

MATEUS, Maria Helena Mira *et al.* *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003.

SILVA, Ana Alexandra Lázaro Vieira da. *Estatuto sintáctico dos “advérbios”: função e classe*. Dissertação de Doutoramento. Évora: Universidade de Évora, 2008.

TENGARRINHA, José. *História da imprensa periódica portuguesa*. 2ª edição revista e ampliada. Lisboa: Caminho, 1989.

VILELA, Mário. *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Livraria Almedina, 1999.

### **Nota curricular**

Susana de Fátima Póvoa Alves FONTES. Doutorada em Linguística Portuguesa (2012), é Professora Auxiliar na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

### **Contacto**

sfontes@utad.pt